

COLÓQUIO CEG 2024
AMOR, ÓDIO, IGNORÂNCIA
Desafios na direção da cura

Dora Gómez, Susana Splendiani
Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud-Rosario

Como consta na convocação, os desafios se enquadram no campo da transferência: amor, ódio, ignorância consideradas desde o início por Lacan como paixões fundamentais.

O mestre de Viena já tinha situado a transferência como motor e obstáculo na direção da cura. Positiva, ligada ao amor, permitindo a análise avançar; negativa, erótica ou hostil, funcionando como resistência, ficando restrita a um registro imaginário e tornando difícil diferenciar sugestão de transferência analítica. Podemos lembrar esse relato de Freud em relação a essa paciente que, ao sair da hipnose, lança seus braços em torno de seu pescoço. *“Ela me toma por um outro”*¹ dirá, *“não sou irresistível a esse ponto”*² sendo possível interrogar a transferência na sua dimensão imaginária. Colocar em pausa o amor lhe permitiu articular o drama do desejo.

Situar a zona de experiência da psicanálise implica que não há amor sem ódio. Freud o considerou como ambivalência. Temos esse dossiê do Homem dos Ratos onde a neurose de transferência decorreu no amor-ódio que ele situou do lado da resistência.

Amor, ódio, ignorância, paixões que se inscrevem na dimensão do ser, diferenciando registros. Ele situa o amor na união entre o imaginário e o simbólico, o ódio entre o imaginário e o real, e a ignorância entre o real e o simbólico.³ *Existem de entrada*, dirá Lacan, *antes da análise as desencadear*. Paixões que já vêm articuladas e que quem solicita uma análise se aproxima por aquilo que ignora. Quando o sujeito se posiciona na ignorância pode abrir a dimensão da verdade e a possibilidade da

¹ Lacan, J.: Seminário XV O Ato Psicanalítico. 21 de fevereiro de 1968. Inédito

² Freud, S.: Presentación Autobiográfica. P. 26/7 Vol. XX. OC. Amorrortu editores, Bs.As, 1986

³ Lacan, J.: Seminário 1. *Los escritos técnicos de Freud*. P.394. Ed. Paidós. Bs.As 2010

transferência, mas a ignorância como paixão, arrasa e rejeita essa ordem de verdade, *de “isso” não quer saber nada*⁴. Entretanto, devemos lembrar a recomendação de Lacan: a análise do analista deve ser levada o mais longe possível, fazendo atuar essa paixão pela ignorância.

Introduzir o Sujeito suposto Saber, permite mostrar a transferência na sua dimensão simbólica. “... e a fratura que ele sofre na psicanálise são postas em evidência”.⁵ Não se trata apenas de paixão. Esse insabido que sabe é situado do lado do analista promovendo o discurso de análise. *Douta ignorância* dirá Nicolás de Cusa.

Libertado do discurso corriqueiro o analista dá lugar ao equívoco, possibilitando ao analisando a via de “uma fecunda equivocação” em que a palavra verídica conflui com o discurso do erro. O sujeito, ademais, desenvolve sua história, sua versão, na qual há ocos ali onde houve uma rejeição originária –*Verworfen*– ou algo que em algum momento teve acesso ao discurso e depois foi rejeitado –*Verdankt*–. A transferência, dirá, poderia ser representada ao modo de uma alegoria comum às pinturas românticas, como três tempos na busca da verdade: *o erro fugindo do engano e alcançado pela equivocação*⁶

Lacan indica que a análise nos faz lembrar que não se conhece amor sem ódio e propõe o neologismo cuja homofonia facilita a língua francesa, *hainemoration*, dirá, traduzido como *ódioamoramento*, e que ele prefere à ‘bastarda’ ambivalência.

Questão de estrutura dirá. Ódio que não é lido somente na dimensão imaginária. A lógica do ódio⁷ também funciona como corte, necessário para esse narcisismo de fazer dos dois, um. É preciso lembrar a insistência de Freud em relação à pergunta pela separação da menina e a mãe: será por via do ódio, que funciona propiciando esse corte. Lacan lamenta que seus próximos não o leiam como aqueles que o criticam. *O título da letra* foi o nome desse livro ao qual se refere, e explicita: *nunca fui melhor lido: com tanto amor*.⁸ Dessupor o saber é também uma função do ódio como corte, daí que colocar em interrogação o SsS em análise permite ultrapassar esse passo que o conduzirá à queda desse objeto *a* no final de análise.

⁴ Lacan, J.: Seminário 20 *Aun* P. 9. Ed. Paidós. Bs.As 1989

⁵ Lacan, J.: Seminário XV O Ato Psicanalítico. 21 de fevereiro de 1968. Inédito

⁶ Lacan, J.: Seminário 1. *Los escritos técnicos de Freud*. P.398. Ed. Paidós. Bs As 2010

⁷ Vegh, I.: Sentimento, pasión y afecto en la transferencia. Lugar editorial, 2022.C.A.B.A

⁸ Lacan, J.: Seminário 20 *Aún*. P. 80. Ed. Paidós. Bs As 1989

“O único que fazemos no discurso analítico é falar de amor”.⁹ E falar de amor já é um gozo. Com efeito, está o gozo que resta da palavra.

A dimensão do amor se liga ao saber, segundo Lacan, a partir do momento em que Freud recorre ao que diz Empédocles segundo quem Deus deve ser o mais ignorante de todos os seres porque não conhece o ódio. Devemos, então, considerar várias e diversas questões: o amor, o ódio, a ignorância, o saber e a emergência da verdade, dita pela metade.

O saber nunca pode alcançar a verdade nua. O mito de Acteon e Diana está ali para demonstrá-lo. Lacan recorre a ele¹⁰ para transmitir que o relacionamento que o sujeito tem com a verdade não é nada simples. Quando Acteon encontra a deusa na grota onde está tomando banho rodeada pelas ninfas e a contempla, ela o transforma em cervo e é devorado por seus próprios cães. Ovídio faz dizer a Diana uma enigmática profecia: “Agora vá contar que me viu sem véu; se pode contá-lo, não há inconveniente”. A verdade-Diana nua só será possível dizê-la pela metade. Segundo Heráclito “Se buscas a verdade, debes estar preparado para o inesperado, pois é difícil de encontrar e surpreende quando a encontras”. O saber como analistas nos permite não ser surdos e cegos quando um paciente murmura –sem percebê-lo– algo da verdade que se apresentará geralmente de maneira inesperada. Quando se diz algo da verdade é porque “de isso” se deixou de gozar, depois se fecha, abertura e fechamento do inconsciente. “Eu sabia, mas nunca pensei nisso”, é que posso pensar por ter saído de algum gozo e posso dizer algo da verdade quando suponho que o analista sabe.

Quando o analisando pode dizer na sessão o que o faz gozar, o discurso se histeriza e o S₂, no lugar da produção está como meio de gozo, não de saber. Lacan aponta que cada vez que é franqueada a passagem de um discurso para outro há emergência do discurso analítico e dá outra definição de amor: “Não digo outra coisa quando digo que o amor é signo de que há uma mudança de discurso”¹¹. O amor de transferência surge por uma intervenção do analista que provoca o saber suposto e o amor é o sinal de que isso aconteceu. Porque suponho que tem saber, o amo.

⁹ Lacan, J.: Seminário 20 *Aún*. P. 101 Ed. Paidós. Bs As 1989

¹⁰ LACAN, Jacques: *Escritos 1*. “La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis”. Siglo XXI. México 1978. Pág. 152. 155.

¹¹ LACAN; Jacques: *Encore. Op. Cit.* Pág. 25

Quanto ao gozo “só é evocado, assediado ou elaborado a partir de um *semblant*”¹²; ou seja, de um significante sugerido, não dito. Daí que o amor se dirija ao *semblant*, ele se dirige a quem é capaz de produzir um ato que é da ordem do dizer.

Lacan articula também o amor e o sintoma. Amo no outro seu sintoma porque suponho que tem um saber sobre o real desse gozo, enquanto o inconsciente encripta o gozo do Outro. O amor nasce pela maneira inconsciente em que o outro, o *partenaire*, enfrenta seu sintoma. Ou seja, como trabalha, como transforma seu gozo. O sintoma adquire assim um valor que excede o padecimento neurótico. Quanto ao amor entre o homem e a mulher nos envia a seguinte carta: “está o *a-muro*”. Está o muro objeto *a*, pelo qual do outro do amor, não sei nada. O homem não sabe nada sobre o gozo feminino e a mulher também não sabe nada do gozo do homem. A questão é, dirá Lacan, “*Que o amor é impossível (...) e que a relação sexual se abisma no sem-sentido*”¹³.

Para concluir, se levamos em consideração o nó borromeano que Lacan apresenta em *A Terceira*, podemos situar o amor, o ódio e a ignorância enodados cada um como Real, Simbólico e Imaginário, o buraco principal no simbólico e o *a* no calço.¹⁴

¹² Ibídem, Pág. 112

¹³ Ibídem, Pág. 106

¹⁴ Vegh, I.: Sentimiento, pasión y afecto en la transferencia. P.159. Lugarditorial, 2022. C.A.B.A.